

Vereadores do PS preocupados com o comércio tradicional em Ponta Delgada



“As alterações introduzidas na circulação de tráfego automóvel e o encerramento das ruas do centro histórico, promovidas

pela Câmara de Ponta Delgada, não produziram os efeitos desejados no que toca à afluência de pessoas à baixa de Ponta Del-

gada”, para realizarem as suas compras de Natal, consideraram os vereadores do PS na autarquia, para manifestar, desta forma, a sua preocupação com as medidas de trânsito implementadas para a quadra natalícia no centro da cidade.

Prova disso, asseguraram os socialistas, é o facto de mais de 50 estabelecimentos comerciais terem subscrito um abaixo-assinado a reclamar a suspensão do encerramento das artérias da cidade, registando-se, com o início desta medida, “uma quebra nas suas vendas, que se encontravam em crescimento desde o início de Dezembro”, segundo informação dos comerciantes.

Relevando que esta medida não mereceu o parecer totalmente favorável da Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, apesar da autarquia ter considerado algumas sugestões da entidade, foi reconhecido pela associação de comerciantes que “(...) a medida traria um impacto negativo para algumas actividades comerciais localizadas em ruas com condicionamento de circulação de viaturas...”, conforme referiram.

Segundo os vereadores, todo este processo poderia ter sido melhor articulado entre a Câmara Municipal e a Câmara do Comércio e Indústria de Ponta Delgada, para que os comerciantes viessem a ser, naturalmente, “beneficiados com a maior procura pelos seus estabelecimentos co-

merciais, em vez de se pretender agora compensá-los financeiramente, como deu nota publicamente a Câmara do Comércio Indústria de Ponta Delgada.

A compensação de eventuais prejuízos seria o reconhecimento de que as medidas tomadas não cumpriram os objectivos pretendidos.

Na ocasião, e assinalando as alterações de fundo que são prioritárias para a cidade, André Viveiros alertou para o facto de existirem ruas nas quais é determinante retirar o estacionamento e alargar os passeios, para devolver segurança às pessoas e beneficiar o comércio tradicional, não descurando, de modo algum, “a melhoria da qualidade de vida dos moradores do centro histórico, designadamente, com criação de novos parques de estacionamento de proximidade”.

Por outro lado, o socialista defendeu mais e melhor conectividade entre os parques gratuitos da cidade e o centro histórico, com recurso a mini-bus. A este propósito, o vereador afirmou que a rede de mini-bus deve ser objecto de introdução de melhorias, que passam pelo aumento do número de veículos, naturalmente eléctricos, alargando-se ao incremento dos circuitos, no intuito de se agilizar a mobilidade e assegurar maior cobertura da malha cidadina, com especial destaque no acesso ao centro histórico.



Chrys Chrystello*

O Desejado

Não sou particularmente supersticioso, nem crente à espera da segunda vinda do Messias, mas hoje ao acordar com nevoeiro cerrado e chuva molha-tolos não pude deixar escapar um sorriso de reminiscências infantis quando nos contarelos se falava no regresso do Desejado que a todos ia salvar com a sua vinda.

Imaginei como desejo deste natal que ele podia regressar e fazer dos “meus” Açores a terra de sonho que podia ser mas ainda não é, nem sei se alguma vez será.

Queria imaginar uma terra sem a monocultura da vaca leiteira e sem os montes feitos pastos, sem as ribeiras cheias de detritos e lixo para não transbordarem quando chove, mas cheias de pequenas barragens de retenção e reservatórios de água armazenada, de velhas estradas sem buracos para turistas da natureza se deleitarem, cidades devolvidas aos pedestres, transportes urbanos e interurbanos ecológicos (hidrogénio seria a minha aposta) em vez dos ronceiros autocarros de há 40 anos que pululam em todas as ilhas, com horários ajustados às necessidades e não ao lucro dos monopólios de transporte, táxis com taxímetros deixando de ter a imagem dos carros de praça das aldeias e vilas portuguesas dos anos de 1960, aviões de carga interilhas para rápido escoamento da produção de cada uma, transporte marítimo interilhas todo o ano (pode ser tão deficitário quanto o metro de Lisboa e Porto), barcos de vigilância das riquezas marinhas e controlo de pesca, espetáculos culturais gratuitos, semanais e mensais, divulgando o que de melhor se faz na música, literatura, teatro, dança e pintura nas nove ilhas, tradução de autores açorianos (pelo menos para inglês e oferta de um livro a cada visitante do arquipélago), emprego pleno graças a cursos profissionais capazes e adequados às necessidades de mercado, salários justos em vez da atual miséria de salários mínimos, recibos verdes e outros expedientes, incentivos à fixação de gente em todas as ilhas que sofram da acentuada desertificação humana das últimas décadas...e havia mais 1001 desejos nesta lista...

Abri os olhos e pensei que pena era eu não ser crente nem acreditar na supersti-

ção do regresso do Desejado neste dia de nevoeiro, pois a concretizarem-se aqueles desideratos, os Açores seriam o éden há 500 anos adiado por inépcia e inércia dos seus governantes.



*Jornalista, Membro Honorário Vitalício 297713 (Australian Journalists' Association MEAA)